

LISA
KLEYPAS
DESEJO
À MEIA-NOITE

Os Hathaways 1



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Cindy Blewett, uma webdesigner maravilhosa,
além de uma amiga sábia, perspicaz e muito querida.*

CAPÍTULO 1

Londres, 1848

Outono

Encontrar uma determinada pessoa em uma cidade com quase dois milhões de habitantes era uma tarefa difícil. Ajudava bastante se a pessoa em questão se tratasse de um irmão beberrão, de comportamento previsível. Mesmo assim, não seria fácil.

Leo, onde você está? Era o que a Srta. Amelia Hathaway pensava com desespero enquanto a carruagem chacoalhava pelas ruas de pedras. Pobre Leo, desregrado e perturbado. Algumas pessoas, ao se confrontarem com circunstâncias insuportáveis, simplesmente... se arruinavam. Era o caso de seu irmão, antes animado e confiável. Ela temia que não houvesse mais nenhuma chance de salvação para ele.

– Nós o encontraremos – disse Amelia com uma segurança que não sentia.

Olhou de relance para o cigano sentado diante dela. Como sempre, Merripen mantinha-se inexpressivo.

Não se poderia culpar ninguém por achar que Merripen era um homem de emoções limitadas. Na verdade, era tão reservado que, mesmo depois de quinze anos vivendo com a família Hathaway, ainda não havia revelado a eles seu nome de batismo. Desde que fora encontrado inconsciente às margens de um riacho que atravessava a propriedade da família, todos o conheciam apenas como Merripen.

Quando ele despertou e descobriu que estava cercado pelos curiosos Hathaways, reagiu com violência. Tiveram que juntar forças para mantê-lo na cama, todos exclamando que ele precisava ficar deitado e quieto ou seus ferimentos se agravariam. O pai de Amelia deduzira que o garoto era um sobrevivente de uma caça aos ciganos, um costume brutal dos proprietários de terra da região, que, montados em seus cavalos, livravam seus domínios da presença de acampamentos ciganos.

– Provavelmente acreditaram que o rapaz estava morto – comentara o Sr. Hathaway com seriedade. Como um cavalheiro estudioso e à frente de seu tempo, ele reprovava qualquer forma de violência. – Temo que seja difícil estabelecer uma comunicação com sua tribo. Devem ter partido há muito tempo.

– Podemos ficar com ele, papai? – exclamou Poppy, ansiosa.

Era uma das irmãs mais novas de Amelia e com certeza imaginava que o garoto selvagem (que lhe mostrara os dentes como uma fera aprisionada) se tornaria uma mascote divertida.

O Sr. Hathaway lhe sorria.

– Ele pode ficar o tempo que quiser. Mas duvido que permaneça por mais do que uma ou duas semanas. Os rons são um povo nômade. Não gostam de passar muito tempo sob o mesmo teto. Sentem-se aprisionados.

Entretanto, Merripen permanecera com eles. No início, era um garoto pequeno e esguio, mas com cuidados adequados e refeições regulares, crescera de uma forma quase assustadora até se tornar um homem de proporções robustas e imponentes. Era difícil dizer exatamente o que Merripen fazia ali... não era um membro da família, tampouco um criado. Embora exercesse diversas funções para os Hathaways, atuando como condutor de caruagem e faz-tudo, ele também comia à mesa com a família quando queria e ocupava um quarto na ala principal do chalé.

Com Leo desaparecido e talvez em perigo, não havia dúvida de que Merripen ajudaria a encontrá-lo.

Não era considerado apropriado que uma jovem como Amelia sáisse sozinha com um homem como Merripen. Mas, aos 26 anos, ela acreditava que não havia mais necessidade de ter uma dama de companhia.

– Devemos começar descartando os lugares aonde Leo não iria – disse ela. – Igrejas, museus, locais de educação elevada e bairros elegantes estão fora de questão.

– Sobra a maior parte da cidade – resmungou Merripen.

Ele não gostava de Londres. Em sua visão, o funcionamento da chamada sociedade civilizada era infinitamente mais bárbaro do que qualquer coisa encontrada na natureza. Se pudesse escolher entre passar uma hora em um chiqueiro com os porcos ou em um salão, em companhia de pessoas elegantes, escolheria os porcos sem hesitar.

– Acho que devemos começar pelas tavernas – prosseguiu Amelia.

Merripen lançou-lhe um olhar sombrio.

– Sabe quantas tavernas existem em Londres?

– Não, mas com certeza saberei até o fim da noite.

– Não vamos começar pelas tavernas. Vamos para onde é mais provável que Leo arranje encrenca.

– E onde seria?

– No Jenner's.

O Jenner's era um clube de jogo mal-afamado para onde os homens iam quando queriam se comportar de forma nada cavalheiresca. Criado originalmente por um ex-pugilista chamado Ivo Jenner, o clube mudara de mãos depois de sua morte e agora pertencia a seu genro, lorde St. Vincent. A péssima reputação de St. Vincent apenas acentuara a aura de sedução do clube.

Dizia-se que a filiação ao clube custava uma fortuna. É claro que Leo insistira em se associar assim que herdara seu título, dois meses antes.

– Se você pretende beber até morrer, prefiro que faça isso em um lugar mais acessível – dissera-lhe Amelia, com toda a calma.

– Mas agora sou visconde – respondera Leo com indiferença. – Preciso fazer tudo com estilo, senão as pessoas vão comentar.

– Comentarão que é um perdulário tolo e que o título poderia perfeitamente ter sido herdado por um macaco!

Aquilo arrancara um sorriso de seu belo irmão.

– Tenho certeza de que essa comparação é muito injusta com o macaco.

Morrendo de preocupação, Amelia pressionou os dedos enluvados na testa dolorida. Não era a primeira vez que Leo desaparecia, mas com certeza era sua ausência mais longa.

– Nunca estive em um clube de jogo – disse ela sem olhar para Merripen. – Será uma experiência inédita.

– Não permitirão sua entrada. É uma dama. Mesmo que permitissem, eu não consentiria.

Abaixando a mão, Amelia lançou-lhe um olhar de surpresa. Era raro que Merripen a proibisse de fazer alguma coisa. Na verdade, aquela devia ser a primeira vez. Achou aquilo irritante. Levando em conta que a vida do irmão poderia estar em risco, ela não podia se preocupar com convenções sociais. Além do mais, estava curiosa para ver como era o interior daquele privilegiado reduto masculino. Condenada a se tornar uma solteirona, ela poderia ao menos desfrutar das pequenas liberdades que sua situação lhe concedia.

– Também não permitirão a *sua* entrada – argumentou. – Você é um rom.

– Por acaso, o gerente do clube também é.

Era uma situação fora do comum. Até mesmo extraordinária. Os ciganos eram conhecidos como ladrões e trapaceiros. Era no mínimo espantoso que um deles ficasse encarregado da contabilidade de moedas e crédito, sem falar da arbitragem de polêmicas surgidas nas mesas de jogo.

– Deve ser um indivíduo notável para assumir tal posição – disse Amelia.

– Eu permitirei que me acompanhe ao interior do Jenner's. É possível que sua presença o torne mais comunicativo.

– Obrigado. – A voz de Merripen soou muito áspera.

Amelia guardou um silêncio estratégico enquanto ele conduzia a carruagem fechada pela maior concentração de atrações, lojas e teatros da cidade. O veículo com molas malconservadas sacudia à vontade pelas vias largas, passando por belas praças ladeadas por casas com colunas e gramados caprichosamente cercados e por construções com fachadas ao estilo georgiano. À medida que as ruas se tornavam mais extravagantes, as paredes de tijolos davam lugar ao gesso, que logo se transformou em pedra.

A paisagem do West End não era familiar para Amelia. Apesar da proximidade de seu vilarejo, os Hathaways não costumavam se aventurar pela cidade e com certeza não frequentavam aquela região. Mesmo nas circunstâncias atuais, com sua herança recente, havia pouco com que eles pudessem arcar naquele local.

Ao olhar para Merripen, Amelia se perguntou por que ele parecia saber exatamente para onde iam, se não estava mais familiarizado com a cidade do que ela. Mas Merripen sempre tivera um instinto para encontrar o caminho certo em qualquer lugar.

Dobraram a King Street, iluminada por lamparinas a gás. Era uma rua barulhenta e movimentada, congestionada por veículos e grupos de pedestres que partiam para as diversões noturnas. O céu ganhou um tom de vermelho opaco, enquanto a luminosidade restante atravessava a nuvem de fumaça de carvão que cobria a cidade. As torres de construções imponentes cortavam a paisagem, uma fileira de formas escuras que se destacavam como os dentes de uma bruxa.

Merripen conduziu o cavalo para um beco estreito de estrebarias atrás de uma construção com fachada de pedra. Jenner's. Amelia sentiu um frio na barriga. Seria pedir demais que seu irmão estivesse ali, em segurança, no primeiro lugar em que o procuravam.

– Merripen? – Sua voz estava tensa.

– Sim?

– Devo lhe dizer que, caso meu irmão ainda não tenha tido sucesso em se matar, pretendo eu mesma lhe dar um tiro quando o encontrarmos.

– Eu lhe entregarei a pistola.

Amelia sorriu e ajeitou o chapéu.

– Vamos entrar. E lembre-se: *eu* cuido da conversa.

Um odor desagradável impregnava o beco – um cheiro urbano de animais, detritos e carvão. Na falta de uma boa chuva, a sujeira se acumulava com rapidez pelas ruas. Ao olhar para o chão imundo, Amelia deu um salto para se esquivar de duas ratazanas que corriam guinchando junto à parede.

Merripen entregou os arreios para um cocheiro e Amelia lançou um olhar para o fim do beco.

Dois garotos de rua estavam agachados perto de uma minúscula fogueira, assando alguma coisa em espetos. Amelia não queria nem imaginar o que devia ser aquilo. Desviou sua atenção para um grupo – três homens e uma mulher – iluminado por um fulgor vacilante. Parecia que dois dos homens trocavam socos. Porém estavam tão embriagados que a disputa mais parecia um número de uma dupla de palhaços.

O vestido da mulher era de um tecido berrante, com um corpete decotado que revelava as colinas rechonchudas de seus seios. Parecia se divertir com o espetáculo dos dois homens que a disputavam enquanto um terceiro tentava apartá-los.

– Mas eu já disse, meus bons rapazes – exclamou a mulher, com sotaque do East End. – Levo os dois... Não é preciso uma briga de galos!

– Fique aí – murmurou Merripen.

Amelia fingiu não ter ouvido e se aproximou para ver melhor. Não era a visão da arruaça que lhe parecia tão interessante – até sua aldeia, a pequena e pacífica Primrose Place, tinha sua cota de brigas. Todos os homens, independentemente de sua posição, de vez em quando sucumbiam aos instintos mais baixos. O que chamou a atenção de Amelia foi o terceiro homem, que tentava apartar a briga, correndo de um lado para outro entre aqueles tolos embriagados, tentando trazê-los de volta à razão.

Embora estivesse tão bem-vestido quanto os outros dois cavalheiros, era óbvio que não se tratava de um. Tinha cabelos negros, pele morena e aparência exótica. Movia-se com a graça e a agilidade de um gato, evitando com facilidade os golpes e os botes de seus oponentes.

– Meus senhores – dizia num tom excessivamente razoável, parecendo descontraído até ao aparar com o antebraço um soco forte. – Temo que ambos precisem parar com isso agora ou serei obrigado a... – Ele interrompeu a frase e se desviou para o lado no exato momento em que o homem atrás dele deu um salto.

A prostituta soltou uma gargalhada diante daquela visão.

– Eles te pegaram de jeito esta noite, Rohan! – exclamou.

Voltando a se concentrar na briga, Rohan tentou interrompê-la mais uma vez.

– Meus senhores, com certeza devem saber... – Abaixou-se sob o veloz arco desenhado por um punho – ... que a violência... – bloqueou um gancho de direita – ... nunca resolve nada.

– Caia fora! – disse um dos homens, jogando-se para a frente como um animal ensandecido.

Rohan deu um passo para o lado, deixando que ele atingisse diretamente a parede do prédio. O agressor desabou soltando um grunhido e ficou caído no chão, ofegante.

A reação do oponente foi de uma ingratidão ímpar. Em vez de agradecer ao homem moreno por dar fim à briga, ele rosnou:

– Maldito seja por intervir, Rohan! Eu teria acabado com ele!

O homem se atirou para a frente, agitando os punhos.

Rohan escapou de um cruzado de esquerda e, com habilidade, lançou-o ao chão. Continuou de pé diante da figura caída e secou a testa com a manga da camisa.

– Está satisfeito? – perguntou em tom simpático. – Ótimo. Por favor, permita que eu o ajude a se erguer, meu senhor. – Enquanto puxava o homem, Rohan olhou para a porta que conduzia ao clube, onde um funcionário aguardava. – Dawson, acompanhe lorde Latimer até sua carruagem, lá na frente. Cuidarei de lorde Selway.

– Não é necessário – disse com voz atordoada o aristocrata que acabara de se levantar. – Posso caminhar até minha maldita carruagem. – Ajeitando as roupas sobre o corpo volumoso, ele lançou um olhar ansioso para o homem moreno. – Rohan, você terá que me fazer uma promessa.

– Pois não, meu senhor?

– Se a notícia se espalhar... se Lady Selway descobrir que briguei por causa de uma mulher decaída... minha vida não valerá nada.

Rohan respondeu com uma calma reconfortante:

– Ela nunca saberá, meu senhor.

– Ela sabe de tudo – disse Selway. – Tem um pacto com o demônio. Se alguma vez for questionado em relação a essa pequena escaramuça...

– Ela foi provocada por um jogo de cartas particularmente difícil – respondeu o outro de forma inexpressiva.

– Sim. Isso. Bom rapaz. – Selway bateu no ombro do homem mais jovem, depois enfiou a mão no colete e retirou uma pequena bolsa. – E para garantir seu silêncio...

– Não, meu senhor. – Rohan deu um passo para trás, balançando a cabeça com veemência, os cabelos negros reluzentes esvoaçando com o movimento. – Meu silêncio não tem preço.

– Aceite – insistiu o aristocrata.

– Não posso, meu senhor.

– É seu. – A bolsa de moedas foi jogada ao chão, caindo aos pés de Rohan com um som metálico. – Aí está. Se preferir deixá-la na rua, a escolha é sua.

Enquanto o cavalheiro partia, Rohan olhou para a bolsa como se fosse um rato morto.

– Não quero isso – resmungou, sem se dirigir para ninguém em particular.

– Eu fico com ela – disse a prostituta, saracoteando em sua direção. Pegou a bolsa e avaliou o peso na palma da mão. Um sorriso provocante surgiu em seu rosto. – Que coisa! Nunca vi um cigano com medo de dinheiro.

– Não tenho medo – disse Rohan em tom azedo. – Apenas não preciso dele.
– Suspirando, ele esfregou a nuca com uma das mãos.

A mulher riu e lançou um olhar de óbvia apreciação a sua forma esguia.

– Detesto tomar alguma coisa sem dar nada em troca. Que tal uma visitinha ao beco antes que eu volte para o Bradshaw's?

– Agradeço a oferta, mas não – disse ele de forma educada.

Ela ergueu o ombro de um jeito brincalhão.

– Menos trabalho para mim. Boa noite.

Rohan respondeu com um aceno breve, parecendo contemplar com exagerada atenção um ponto no chão. Estava imóvel, como se ouvisse um som quase imperceptível. Levando mais uma vez a mão à nuca, massageou-a como se quisesse apaziguar uma coceira que ainda nem havia surgido. Devagar, voltou-se e olhou diretamente para Amelia.

Ela sentiu um pequeno choque percorrer seu corpo quando seus olhares se encontraram. Embora estivessem separados por vários metros, Amelia sentiu toda a força da atenção de Rohan. Nem simpatia nem gentileza suavizavam sua expressão. Na verdade, parecia impiedoso, como se há muito tivesse descoberto que o mundo é um lugar cruel e decidido aceitá-lo dessa forma.

Enquanto a analisava com o olhar desapaixonado, Amelia sabia bem o que ele via: uma mulher com roupas apresentáveis e sapatos confortáveis. Tinha pele clara e cabelos escuros, altura mediana, com a aparência corada e saudável comum aos Hathaways. Seu corpo era robusto e voluptuoso, enquanto a moda era uma silhueta delgada como um junco, lívida e frágil.

Sem vaidade, Amelia sabia que, embora não fosse uma grande beleza, era atraente o bastante para ter conquistado um marido. Mas arriscara seu coração uma vez, com consequências desastrosas. Não tinha a menor vontade de tentar de novo. E só Deus sabia como ela já estava ocupada cuidando dos outros Hathaways.

Rohan tirou os olhos dela. Sem uma palavra ou um gesto de reconhecimento, ele caminhou para a porta dos fundos, sem pressa, como se estivesse se

concedendo tempo para pensar sobre alguma coisa. Havia uma graça particular em seus movimentos.

Amelia alcançou a soleira da porta ao mesmo tempo que ele.

– Senhor... Sr. Rohan... Suponho que seja o gerente do clube.

Rohan parou e voltou-se para encará-la. Estavam próximos o suficiente para que Amelia sentisse os odores de seu esforço másculo e de sua pele cálida. Seu colete, feito de um luxuoso brocado cinza, abria-se para revelar uma fina camisa de linho branco. Enquanto Rohan se preparava para abotoar o colete, Amelia reparou na grande quantidade de anéis de ouro em seus dedos. Uma onda de nervosismo a percorreu, provocando um calor pouco familiar. Seu espartilho parecia apertado demais e a gola alta a sufocava.

Corando, ela se obrigou a encará-lo. Era jovem, não devia ter nem 30 anos, com o semblante de um anjo exótico. Esse rosto, com certeza, fora criado para o pecado... a boca taciturna, o queixo anguloso, os olhos de um castanho dourado sombreados por cílios longos e retos. O cabelo precisava de um corte e formava cachos negros e pesados sobre a parte de trás de seu colarinho. Amelia sentiu um aperto na garganta e perdeu o fôlego ao ver o cintilar de um diamante na orelha dele.

Ele lhe fez uma reverência educada.

– A seu serviço, senhorita...

– Hathaway – disse ela. Voltou-se para indicar a presença de seu acompanhante, que se posicionara a sua esquerda. – E este é Merripen.

Rohan olhou para ele com ar de alerta.

– A palavra romani para “vida” e também para “morte”.

Era esse o significado do nome de Merripen? Surpresa, Amelia olhou para ele. Merripen deu de ombros com delicadeza, para indicar que aquilo não tinha importância. Amelia voltou-se para Rohan.

– Senhor, viemos lhe fazer uma ou duas perguntas em relação a...

– Não gosto de perguntas.

– Estou procurando meu irmão, lorde Ramsay – prosseguiu ela, com teimosia –, e preciso desesperadamente de qualquer informação sobre seu paradeiro.

– Não lhe diria mesmo que soubesse.

Seu sotaque era uma sutil mistura de estrangeiro com o do East End e ele falava com um traço da dicção da elite. Era a voz de um homem que costumava conviver com um tipo raro de pessoas.

– Garanto-lhe, meu senhor, que não causaria este transtorno a mim mesma nem a ninguém caso não fosse absolutamente necessário. Mas é o terceiro dia desde que meu irmão desapareceu...

- Não é problema meu. – Rohan virou-se para a porta.
- ... e ele costuma andar em más companhias.
- É uma pena.
- ... pode já estar morto.
- Não posso ajudá-la. Desejo-lhe sorte em sua busca.

Rohan empurrou a porta e fez menção de entrar no clube, mas parou ao ouvir Merripen falar em romani.

Desde que ele chegara ao convívio com os Hathaways, foram poucas as ocasiões em que Amelia o ouvira falar a língua secreta dos ciganos. Tinha um som pagão, denso, com consoantes e vogais prolongadas, mas havia uma música primitiva na forma com que as palavras se juntavam.

Fitando Merripen com intensidade, Rohan apoiou o ombro no batente da porta.

- A antiga língua – disse ele. – Faz anos que não a ouço. Quem é o líder de sua tribo?

- Não tenho tribo.

Por um longo momento, Merripen permaneceu impassível enquanto Rohan o observava com os olhos castanhos estreitados.

- Entrem – disse com aspereza. – Verei o que posso descobrir.

Foram conduzidos ao interior do clube, sem cerimônia, e Rohan instruiu um empregado a encaminhá-los a uma sala particular no andar de cima. Amelia ouviu o zumbido de vozes e de música vindo de algum lugar e passos que iam de um lado para outro. Aquele estabelecimento era uma agitada colmeia masculina, proibido para alguém como ela.

O empregado, um jovem com sotaque do leste de Londres e bons modos, levou-os a um aposento bem decorado e pediu a eles que permanecessem ali até que Rohan voltasse. Merripen dirigiu-se a uma janela acortinada que dava para a King Street.

Amelia se surpreendeu com o luxo sereno do ambiente. O tapete feito à mão em tons de azul e creme, as paredes revestidas em madeira e a mobília forrada com veludo.

- De muito bom gosto – comentou, tirando o chapéu e pousando-o sobre uma mesinha de mogno. – Por algum motivo eu esperava alguma coisa um pouco... bem... vulgar.

- O Jenner's tem um padrão superior ao habitual. Usa a fachada de um clube para cavalheiros, quando seu objetivo verdadeiro é oferecer a maior banca para jogos de azar da cidade.

Amelia dirigiu-se para a estante embutida e inspecionou os tomos.

– Por que você acha que o Sr. Rohan relutou tanto em aceitar o dinheiro de lorde Selway?

Merripen lançou-lhe um olhar mordaz por sobre o ombro.

– Você sabe como os rons se sentem em relação aos bens materiais.

– Sim, sei que seu povo não gosta de acumular. Mas, pelo que vi, não costumam ser tão relutantes em aceitar algumas moedas em troca de um favor.

– É mais do que apenas não querer acumular. Para um *chal*, se encontrar em tal posição...

– O que é um *chal*?

– Um filho de Rom. Para um *chal*, usar roupas tão ricas, permanecer sob o mesmo teto por tanto tempo, acumular tanta riqueza... é vergonhoso. Constrangedor. Contrário a sua natureza.

Parecia tão severo e seguro de si que Amelia não pôde resistir a lhe fazer uma pequena provocação:

– E qual é a sua desculpa, Merripen? Está sob o teto dos Hathaways há bastante tempo.

– É diferente. Para começar, não há lucro em viver com vocês.

Amelia riu.

– Além disso... – a voz de Merripen se tornou mais suave. – Devo minha vida à sua família.

Amelia sentiu uma onda de afeto ao observar seu perfil inflexível.

– Que desmancha-prazeres – disse ela, com delicadeza. – Tento implicar e você estraga tudo sendo sincero. Sabe que não tem obrigação de ficar, querido amigo. Já saldou sua dívida conosco milhares de vezes.

Merripen negou com a cabeça imediatamente.

– Seria como abandonar um ninho com filhotes sabendo que há uma raposa à espreita.

– Não somos tão indefesos assim – protestou ela. – Sou perfeitamente capaz de tomar conta de minha família... assim como Leo. Quando está sóbrio.

– E quando isso acontece? – O tom inexpressivo de Merripen tornava a pergunta ainda mais sarcástica.

Amelia abriu a boca para reforçar seu argumento, mas foi obrigada a fechá-la. Merripen tinha razão – Leo tinha vagado durante os últimos seis meses em estado de embriaguez perpétua. Ela levou a mão ao peito, na altura do diafragma, onde as preocupações haviam se acumulado como um saco de bolas de chumbo. Pobre e infeliz Leo... Amelia tinha pavor de que não houvesse mais nada que pudesse ser feito por ele. Impossível salvar um homem que não deseja ser salvo.

Mas nem isso a impediria de tentar.

Ela caminhou pelo aposento, agitada demais para se sentar e esperar calmamente. Leo estava em algum lugar, precisando ser resgatado. E não havia como dizer quanto tempo Rohan os deixaria ali.

– Vou sair e dar uma olhada – disse Amelia, dirigindo-se para a porta. – Não irei longe. Fique aqui, Merripen, para o caso de o Sr. Rohan aparecer.

Ela o ouviu resmungar alguma coisa, baixinho. Ignorando seu pedido, Merripen a seguia de perto quando ela entrou no corredor.

– Isso não está certo – disse ele.

Amelia não parou. A correção não tinha mais poder sobre ela.

– É minha única chance de ver o interior de um clube de jogos e não vou perdê-la.

Seguindo o som das vozes, ela se aventurou até uma galeria que circundava o segundo andar de um amplo e esplêndido salão.

Multidões de homens em trajes elegantes reuniam-se em torno de três grandes mesas de jogo, enquanto crupiês usavam ancinhos para juntar os dados e o dinheiro. Havia muita conversa e exclamações e o ar crepitava com toda aquela empolgação. Empregados movimentavam-se pelo salão de jogos, alguns carregando bandejas com comida e vinho enquanto outros levavam bandejas com fichas e baralhos novos.

Semiescondida por uma coluna na galeria superior, Amelia observou a multidão. Pousou o olhar no Sr. Rohan, que vestira um paletó preto e uma gravata. Apesar de usar roupas semelhantes às dos sócios do clube, destacava-se deles como uma raposa em meio aos pombos.

Rohan estava meio sentado, meio apoiado sobre a volumosa mesa de mogno do gerente, no canto do salão, onde administrava a banca. Parecia dar instruções a algum empregado. Gesticulava o mínimo possível, mas mesmo assim havia uma desenvoltura em seus movimentos, uma presença física tranquila que atraía o olhar.

E então, de alguma forma, a intensidade do interesse de Amelia pareceu alcançá-lo. Ele passou a mão na nuca e olhou diretamente para ela. Do mesmo modo como acontecera no beco. Amelia sentiu as batidas de seu coração repercutirem por todo o corpo, em seus membros, mãos, pés e até mesmo nos joelhos. Foi invadida por um rubor desconfortável. Sentiu-se tomada por culpa, calor e surpresa, corada como uma criança, antes de conseguir se recompor o suficiente para se esconder atrás de uma coluna.

– O que foi? – perguntou Merripen.

– Acho que o Sr. Rohan me viu. – Deixou escapar uma risada nervosa. –

Minha nossa, espero não o ter irritado. Talvez devêssemos voltar para a sala de visitas.

E, arriscando dar uma rápida olhada de seu esconderijo, viu que Rohan havia desaparecido.

CAPÍTULO 2

Cam Rohan afastou-se da escrivaninha de mogno e deixou o salão de jogos. Como sempre, não conseguiu sair sem que o detivessem uma ou duas vezes... primeiro um criado sussurrou-lhe que um certo lorde desejava aumentar seu limite de crédito... depois, um primeiro-lacaio perguntou se deveria reabastecer de petiscos o aparador de um dos salões de carteados. Respondeu às perguntas de um jeito distraído, com a mente ocupada pela mulher que o aguardava no andar de cima.

Uma noite que prometera rotina começava a se tornar um tanto peculiar.

Havia muito tempo que uma mulher não lhe despertava tanto interesse quanto Amelia Hathaway. Ele a desejara assim que a vira no beco, saudável e rosada, a silhueta voluptuosa num vestido modesto. Não sabia como explicar isso, pois ela era a personificação de tudo que o irritava nas inglesas.

Era óbvio que a Srta. Hathaway tinha uma segurança inabalável em sua própria habilidade para organizar e administrar tudo que a cercava. A reação habitual de Cam a esse tipo de mulher era se afastar correndo. Mas assim que fitara seus belos olhos azuis e vira a minúscula ruga de determinação firmada entre eles, sentira uma compulsão profana de agarrá-la, levá-la para algum lugar e fazer algo muito pouco civilizado. Talvez até uma barbaridade.

Claro que compulsões pouco civilizadas estavam sempre a sua espreita. E, no ano anterior, começara a ter mais dificuldade do que o normal para controlá-las. Tornara-se, de forma atípica, irritadiço, impaciente, sentia-se provocado com facilidade. Aquilo que antes lhe dava prazer já não o satisfazia. Pior: ele se descobrira satisfazendo seus impulsos sexuais com a mesma falta de entusiasmo com que vinha fazendo tudo o mais.

Encontrar companhia feminina nunca fora problema – Cam se aliviara nos braços de muitas mulheres bem-dispostas e retribuía o favor até que gemessem de satisfação. No entanto, não havia emoção verdadeira naquilo.

Nenhuma empolgação, nenhum fogo, nenhuma sensação além de ter resolvido uma necessidade corporal tão comum quanto dormir ou comer. Cam ficara tão perturbado com aquilo que chegara a abordar o assunto com seu patrão, lorde St. Vincent.

St. Vincent, que no passado tinha sido um mulherengo e agora era um marido excepcionalmente devotado, sabia tanto sobre o assunto quanto qualquer outro homem. Quando Cam lhe perguntara, taciturno, se era natural ocorrer uma diminuição das compulsões físicas quando se entrava na casa dos 30 anos, St. Vincent engasgara com a bebida.

– Não, pelo amor de Deus! – dissera o visconde, tossindo enquanto o gole de brandy lhe queimava a garganta. Estavam no gabinete do gerente do clube, examinando os livros de contabilidade.

St. Vincent era um belo homem com cabelos cor de trigo e olhos azuis muito claros. Alguns afirmavam que nenhum outro homem possuía forma ou traços mais perfeitos. A aparência de um santo, mas a alma de um calhorda.

– Peço desculpas por perguntar, mas que tipo de mulher você anda levando para a cama?

– O que quer dizer com “que tipo”? – indagara Cam, cauteloso.

– Bonita ou feia?

– Bonita, suponho.

– Bem, aí está seu problema – disse St. Vincent com naturalidade. – As feias são bem mais desfrutáveis. Não existe afrodisíaco melhor do que a gratidão.

– Mas você se casou com uma bela mulher.

Um sorriso se formou nos lábios de St. Vincent.

– As esposas são diferentes. Exigem um bocado de esforço, mas as recompensas são substanciais. Recomendo muito as esposas. Especialmente se for a sua própria.

Irritado, Cam fitara o patrão, refletindo que era difícil ter uma conversa séria com St. Vincent por causa do prazer que o visconde sentia em exercitar sua sagacidade.

– Se entendi bem, meu senhor – disse Cam com aspereza –, sua recomendação para lidar com a falta de desejo é começar a seduzir mulheres pouco atraentes?

St. Vincent pegou a caneta de um suporte de prata entalhado e fez menção de mergulhá-la num frasco de tinta.

– Rohan, estou fazendo tudo o que posso para compreender seu problema. Porém, falta de desejo é algo que nunca me aconteceu. Teria de me encontrar em meu leito de morte antes de parar de querer... não, deixe para lá, estive

em meu leito de morte em um passado não muito distante e mesmo naquela ocasião eu sentia por minha esposa um desejo pecaminoso.

– Parabéns – resmungou Cam, abandonando qualquer esperança de extrair uma resposta sincera daquele homem. – Vamos cuidar da contabilidade. Existem assuntos mais importantes para discutir do que hábitos sexuais.

St. Vincent rabiscou um número e devolveu a pena ao descanso.

– Não, insisto na discussão dos hábitos sexuais. É muito mais divertido do que o trabalho. – Ele se deixou relaxar na cadeira. – Mesmo com toda a sua discrição, Rohan, não é possível deixar de notar como as mulheres o procuram de forma ardorosa. Parece que você exerce um grande encanto sobre as damas de Londres. E, pelo que sei, tem aproveitado tudo o que lhe é oferecido.

Cam encarou-o com indiferença.

– Perdão, mas o que está querendo dizer, meu senhor?

Recostando-se na cadeira, St. Vincent juntou as mãos elegantes e observou Cam com firmeza.

– Como nunca teve problemas com falta de desejo, posso apenas presumir que, assim como costuma acontecer com outros apetites, o seu deve ter sido saciado pelo excesso de mesmice. Um pouco de novidade pode ser exatamente o que você precisa.

Achando que aquela declaração fazia sentido, Cam perguntou a si mesmo se o antigo libertino já se sentira tentado a voltar a sair da linha.

Como conhecia Evie desde a infância, quando ela ia visitar o pai viúvo no clube de tempos em tempos, Cam sentia um impulso protetor em relação a ela, como se fosse sua irmã mais nova. Ninguém teria imaginado a delicada Evie com aquele libertino. E talvez ninguém tivesse se surpreendido mais que o próprio St. Vincent ao descobrir que aquele casamento de conveniência se transformara em uma paixão ardente.

– E quanto à vida de casado? Ela acaba se transformando em um excesso de mesmice?

A expressão de St. Vincent se modificou, os olhos azul-claros ganharam calor quando ele pensou na mulher.

– Para mim está claro que, com a mulher certa, nunca se tem o bastante. Eu receberia de braços abertos o excesso da tal felicidade... mas duvido que isso seja possível. – Depois de fechar o livro-caixa com uma pancada determinada, ele se levantou. – Peço que me dê licença, Rohan, preciso me despedir por hoje.

– Que tal fecharmos a contabilidade?

– Deixarei o resto em suas mãos capazes. – Cam fez uma careta e St. Vincent deu de ombros com ar de inocência. – Rohan, um de nós é um homem solteiro

com talentos matemáticos acima da média e nenhum plano para a noite. O outro é um devasso assumido, com muita disposição para o amor e uma esposa jovem e disponível a sua espera, em casa. Quem *voce* acha que deveria cuidar dos malditos livros? – E, com um aceno indiferente, St. Vincent deixou o escritório.

“Novidade” fora a recomendação de St. Vincent. Bem, aquela palavra com certeza se aplicava à Srta. Hathaway. Cam sempre dera preferência a mulheres experientes, que encaravam a sedução como um jogo e não confundiam prazer com sentimento. Ele nunca se vira no papel de tutor de uma inocente. Na verdade, achava irritante a perspectiva de iniciar uma virgem. Nada além de dor para ela e a perturbadora possibilidade de lágrimas e lamentos depois... a ideia o horrorizou. Não, não buscaria novidades com a Srta. Hathaway.

Cam apressou o passo e subiu a escada para chegar ao aposento onde a mulher o aguardava na companhia do *chal* moreno. Merripen era um nome romani comum. Entretanto, o homem ocupava a mais incomum das posições. Parecia ser criado da mulher, uma situação bizarra e repugnante para um rom amante da liberdade.

Então os dois, Cam e Merripen, tinham alguma coisa em comum. Ambos trabalhavam para *gadje* em vez de vagarem pela Terra com a liberdade concedida por Deus.

Um rom não vivia dentro de uma casa, entre quatro paredes – em caixas, como eram todos os aposentos e casas –, enclausurado, longe do céu, do vento, do sol e das estrelas; respirando o ar estagnado com cheiro de comida e cera para o chão. Pela primeira vez em muitos anos, Cam sentiu uma onda moderada de pânico. Combateu-a e concentrou-se na tarefa em questão – livrar-se da dupla peculiar que estava na sala de visitas.

Puxou o colarinho, tentando afrouxá-lo, e então empurrou a porta e entrou no cômodo.

A Srta. Hathaway esperava perto da entrada, com uma impaciência que mal podia controlar, enquanto Merripen permanecia uma presença sombria em um canto. Quando Cam se aproximou e olhou para o rosto erguido da mulher, o pânico se dissolveu em uma curiosa onda de calor. Seus olhos azuis eram manchados por leves toques de lavanda e os lábios, que pareciam macios, estavam cerrados em uma linha apertada.

O cabelo escuro e reluzente preso para trás, as roupas modestas e restritivas, tudo aquilo anunciava uma mulher de inibições. Uma típica solteirona. Mas nada poderia ocultar sua força de vontade radiante. Ela era... deliciosa. Ele queria desembrulhá-la como se fosse um presente pelo qual tivesse esperado por muito tempo. Queria tê-la vulnerável e nua debaixo dele, sua boca macia

inchada de tanto receber beijos ferozes e profundos, seu corpo, normalmente pálido, avermelhado de calor. Atônito com o efeito que ela exercia sobre ele, Cam manteve-se inexpressivo enquanto a observava.

– E então? – insistiu Amelia, ignorando o rumo dos pensamentos dele. O que era bom, pois eles a fariam sair da sala aos gritos. – Descobriu alguma coisa sobre o paradeiro de meu irmão?

– Descobri.

– E então?

– Lorde Ramsay esteve aqui no início da noite, perdeu algum dinheiro na mesa de jogo...

– Graças a Deus, ele ainda está vivo! – exclamou Amelia.

– ... e parece que decidiu procurar consolo com uma visita ao bordel local.

– Bordel? – Ela lançou um olhar exasperado para Merripen. – Juro, Merripen, vou matá-lo esta noite. – Voltou a olhar para Cam. – Quanto ele perdeu?

– Aproximadamente 500 libras.

Os belos olhos azuis se arregalaram, ultrajados.

– Ele vai encontrar uma morte *lenta* em minhas mãos. Que bordel?

– Bradshaw's.

Amelia pegou o chapéu.

– Venha, Merripen. Vamos buscá-lo.

Merripen e Cam exclamaram um “*não*” ao mesmo tempo.

– Quero ter certeza de que ele está bem – disse ela, com calma. – Embora duvide disso. – Amelia lançou a Merripen um olhar frio. – Não vou voltar para casa sem Leo.

Achando um pouco de graça, e ao mesmo tempo um tanto surpreso com sua força de vontade, Cam perguntou a Merripen:

– Estou lidando com teimosia, idiotice ou alguma espécie de combinação das duas coisas?

Amelia respondeu antes mesmo que Merripen tivesse a chance de abrir a boca:

– Teimosia de minha parte. A idiotice pode ser inteiramente atribuída a meu irmão. – Ela ajeitou o chapéu na cabeça e deu um laço com as fitas sob o queixo.

Fitas cor de cereja, observou Cam, estupefato. Aquele frívolo toque de vermelho em meio a trajes tão sóbrios parecia incongruente. Cada vez mais fascinado por ela, Cam pegou-se dizendo:

– Não pode ir ao Bradshaw's. Mesmo que deixemos de lado as questões de moralidade e segurança, não sabe nem onde fica o maldito bordel.

Amelia não reagiu ao linguajar dele.

– Presumo que haja um grande intercâmbio de negócios entre seu estabelecimento e o Bradshaw’s. Disse-me que fica nas imediações, então basta que eu siga o movimento daqui para lá. Adeus, Sr. Rohan. Muito obrigada pela sua ajuda.

Cam bloqueou seu caminho.

– Apenas fará papel de tola, Srta. Hathaway. Não passará da entrada. Um bordel como o Bradshaw’s não aceita desconhecidos que batem à porta.

– Como encontrarei meu irmão, senhor, não é de sua conta.

Tinha razão. Não era mesmo. Mas Cam não se divertia dessa forma havia muito tempo. Nenhuma depravação, nenhuma cortesã habilidosa, nem mesmo um salão repleto de mulheres nuas poderiam ter despertado a metade do interesse criado pela Srta. Amelia Hathaway e suas fitas vermelhas.

– Eu a acompanharei – disse ele.

Ela franziu a testa.

– Não, obrigada.

– Insisto.

– Não preciso de seus serviços, Sr. Rohan.

Cam podia pensar numa série de serviços dos quais ela claramente precisava, e seria um prazer executar a maioria deles.

– É óbvio que o melhor para todos é que Ramsay seja encontrado e saia de Londres o mais rápido possível. Considero meu dever cívico apressar sua partida.

CAPÍTULO 3

Embora pudessem ter ido ao bordel a pé, Amelia, Merripen e Rohan seguiram na antiga carruagem. Pararam diante de um prédio simples, de estilo georgiano. Para Amelia, cujas divagações sobre aquele lugar eram emolduradas por uma extravagância pavorosa, a fachada pareceu tão discreta que chegou a ser decepcionante.

– Fique na carruagem – disse Rohan. – Vou entrar e perguntar sobre o paradeiro de Ramsay. – Ele lançou um olhar duro em direção a Merripen. – Não deixe a Srta. Hathaway sozinha nem por um segundo. É perigoso a essa hora da noite.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br